

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO CUIDADO A SAÚDE DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO

Jandira Soares¹, Anna Kelly Silva¹, Rogério Carvalho de Figueredo².

RESUMO

Introdução: Historicamente a prostituição, seja ela feminina ou masculina, é reconhecida como uma das atividade mais remotas. Desde a Antiguidade já acontecia na Grécia e em Roma. O ato, todavia, vem sendo modificado com o passar do tempo, à medida que as mudanças acontecem na própria sociedade. **Objetivos:** Identificar os principais problemas enfrentados pelas pessoas em situação de prostituição, relacionar os principais problemas de saúde que acometem os profissionais do sexo e descrever de maneira clara quais os métodos que podem ser utilizados para a promoção de saúde desses profissionais. **Método:** Trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva, de natureza qualitativa segundo os pressuposto de revisão bibliográfica. Para a pesquisa foram utilizados teses, dissertação e artigos científicos publicados em revistas nacionais e internacionais indexadas no período de 2009 a 2018. **Discussão teórica:** Mesmo sendo uma das profissões mais antigas do mundo, a prostituição ainda é mal vista por parte de uma sociedade preconceituosa. Assim sendo, esses profissionais acabam não tirando o proveito necessário dos serviços de saúde, deixando a desejar quanto ao cuidado de si mesmo. **Considerações finais:** Conclui-se que se faz necessária a idealização de um programa educativo junto a essas pessoas que trabalham com sexo, onde o principal foco deverá ser o uso do preservativo, a importância do diagnóstico precoce e a saúde sexual de maneira geral.

Palavras-chaves: Profissionais do sexo. Prostituição e saúde. Trabalho na prostituição.

INTRODUÇÃO

Historicamente a prostituição, seja ela feminina ou masculina, é reconhecida como uma das atividade mais remotas. Desde a Antiguidade já acontecia na Grécia e em Roma. Destaca-se que a prostituição feminina sempre foi a mais evidente. O ato, todavia, vem sendo modificado com o passar do tempo, à medida que as mudanças acontecem na própria sociedade. Percebe-se que, conforme acontecem as mudanças econômicas e sociais e ocorre o aprofundamento das desigualdades entre grupos sociais, a prostituição amplia-se, especialmente entre as mulheres, que acabam optando por se prostituir, esperando sobreviver com melhores condições de vida⁷.

¹ Acadêmica do curso de Enfermagem, Faculdade Guaraí/IESC. Guaraí/TO

² Enfermeiro doutorando em Administração e Gestão em Saúde Pública, mestre em Ciências da Saúde, especialista em Saúde Pública, professor Adjunto e Coordenador do curso de Enfermagem IESC/FAG. Guaraí/TO, email: rigoh1@live.com.

Mesmo existindo desde os tempos mais remotos, a prostituição ainda hoje atravessa momentos de desequilíbrio quanto a valorização e o reconhecimento social, pois ao mesmo tempo em que esses profissionais são exaltados, em outros momentos são vistos como vítimas. De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações, os profissionais do sexo trabalham de forma autônoma, agindo em locais privados e/ou públicos, sendo capaz de atender e acompanhar clientes de ambos os sexos, com distintas orientações sexuais¹.

A prostituição é vista pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) como um trabalho onde o sexo é artigo de mercadoria, sendo realizado em troca de dinheiro, sem junção afetiva entre os envolvidos. Apontados pelo MTE como profissionais do sexo, essas pessoas seguem marginalizadas, discriminadas e enfrentam diferentes tipos de preconceitos. Em outra perspectiva, podemos ver que o conhecimento sobre a prostituição pode se transformar, o que depende diretamente das referências socioculturais e de distintos contextos e discursos morais que tracejam suas razões e consequências².

Frequentemente, a atividade da prostituição acontece de forma excluída e jogada pela sociedade, definida pela exposição a circunstâncias de risco, como por exemplo violências sexual, física e psicológica, uso de drogas e álcool, vulnerabilidades individual e social e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Esse conjunto inibe o desenvolvimento de condições propícias ao exercício da cidadania, fazendo com que os/as profissionais do sexo, além de sofrerem com o preconceito e a discriminação, acostumem-se com a exclusão diante da sociedade, dificultando ainda mais o acesso às ações e serviços de promoção a saúde³.

Com base no que foi estudado, surge a seguinte problemática: “Como é a atuação do enfermeiro às pessoas em situação de prostituição considerando a invisibilidade social dessas pessoas e barreiras para acesso aos serviços de saúde?”.

Justifica-se este trabalho com base na necessidade em estar buscando inovações e ações que ajudem esses profissionais do sexo que, muitas vezes, não procuram o serviço de saúde devido a discriminação que a sociedade expressa. Com essa dificuldade de inserção desses profissionais a equipe de Enfermagem acaba não sabendo como agir, ficando difícil a identificação dos problemas que eles enfrentam. Espera-se que com esta pesquisa os profissionais de Enfermagem encontrem métodos mais eficazes para ir ao encontro dessas pessoas, fazendo com que se sintam confortáveis em estar buscando os serviços de saúde para a prevenção de doenças e apoio biopsicossocial.

Objetivo geral: Evidenciar a importância da assistência em saúde a pessoas em situação de prostituição.

Objetivos específicos: Conceituar a prostituição no contexto histórico e de saúde; Identificar o perfil das pessoas em situação de prostituição; Caracterizar a assistência de enfermagem as pessoas em situação de prostituição.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva, de natureza qualitativa segundo os pressupostos de revisão bibliográfica. A pergunta que conduziu a pesquisa foi: “Como é a atuação do enfermeiro às pessoas em situação de prostituição considerando a invisibilidade social dessas pessoas e barreiras para acesso aos serviços de saúde?”. Para a pesquisa foram utilizados teses, dissertação

e artigos científicos publicados em revistas nacionais e internacionais indexadas no período de 2009 a 2018.

A busca dos materiais indexados ocorreu de Agosto a Novembro de 2018, utilizando como base de dados, para os artigos, LILACS, BIREME, SCIELO e Google acadêmico. Na procura de estudos relevantes para elaboração desta revisão sistemática utilizaram-se termos e palavras-chave que conduziram e ajudaram a delimitar a pesquisa. Foram usados os termos e palavras-chave: Profissionais do sexo; Prostituição e saúde; Trabalho na prostituição.

A avaliação dos artigos encontrados deu-se através da leitura dos seus resumos, com a finalidade de selecionar os que vinham ao encontro dos objetivos do presente estudo. Em seguida, foi feita a leitura, e feito o apontamento das informações relevantes e que pudessem ser utilizadas no trabalho. Estas foram separadas em pastas no computador para melhor acesso.

REVISÃO DE LITERATURA

Prostituição no contexto histórico, social e de saúde

Foi na estruturação das primeiras civilizações humanas que a prostituição teve um importante papel. Historicamente e moralmente, podemos analisar essa evolução levando em consideração os diferentes pontos de vista sejam eles na contemporaneidade ou na antiguidade. Algumas das histórias existentes revelam que antigamente em algumas culturas, as mulheres ofereciam sexo a forasteiros como uma forma de dar “boas vindas” a eles, ou os próprios pais ofereciam suas filhas para satisfazerem sexualmente seus visitantes⁵.

Sendo assim, é possível notar que o sexo na antiguidade era pautado principalmente nas relações de poder e nos valores morais, operando de maneira diferente na cultura atual. É desta forma que precisamos compreender a dita “prostituição sagrada”, ou “prostituição de culto”, onde estava relacionada a rituais que ocorriam em várias regiões da antiga mesopotâmia nos derradeiros séculos antes de Cristo⁵.

Com base nessas circunstâncias, a prostituição sagrada começou a sair de cena dando espaço para a prostituição comercial, onde acontecia, principalmente a exploração sexual de escravas e o tráfico de crianças. Nessa época era corriqueiro que homens com baixa renda, que estivessem a beira de prestar serviços escravos devido a dívidas que obtiveram em momentos de fome, comercializassem suas filhas virgens em troca de dinheiro. O mesmo tipo de exploração sexual também poderia ser feita por maridos com a intenção de fugir do trabalho escravo⁵. E como a evolução não parou por aí pode-se dizer que, o processo de transformação da prostituição escravizada em prostituição comercial ocorreu da mesma forma em que se deu a transição do trabalho escravo para o trabalho assalariado⁶.

Antigamente as mulheres já nasciam com o destino traçado pelos mais, onde o objetivo era que se tornassem esposas, sendo obrigadas a resguardar a virgindade até o dia do casamento, ao mesmo tempo em que as casas de prostituição eram usadas como local de escape sexual para homens solteiros ou viúvos. Lá era o lugar mais apropriado para que o homem liberasse todo o seu prazer com segurança. Essa liberdade, no entanto, não resistiu ao Renascimento da Idade Média. Houve uma crescente reprovação à prática da prostituição, que passou a ser adjunta à roubos, violência, e desvio de caráter. Dessa forma, com parte complementar da estrutura social, a prostituição passou a ser acatada como um mal

necessário e, posteriormente, uma catástrofe social causadora de dificuldades e de castigos divinos que necessitava ser regulamentada, controlada²³.

Contudo é possível perceber que a prostituição, no decorrer dos anos, não é vista de forma satisfatória e aceitável dentro das sociedades, visto que, em muitas delas, foi marginalizada. Sucessivamente, alguns territórios foram aparecendo para que a atividade fosse realizada, como cabarês, zonas, bordéis, prostíbulos, dentre outros. Nos dias atuais, percebe-se que, os meios de comunicações digitais vêm colaborando para a propagação dessa ocupação. Desta forma, a prostituição tem ocupado novas regiões, causando uma territorialidade compreensiva, conforme as privações e orientações contemporâneas⁷.

No contexto de saúde, antigamente, as prostitutas eram consideradas as principais culpadas por transmitir doenças venéreas pela sociedade, principalmente a propagação do vírus sífilítico e suas consequências. Mesmo sendo condenadas por tal acontecimento, as prostitutas eram retratadas como as mais experientes em medidas de prevenção no enfrentamento contra as transmissões dessas doenças, tendo em vista que faziam uso de remédios à base de ervas e cuidavam rigorosamente da higiene íntima com vinhos, vinagres aromáticos, e quando esses ingredientes estavam em falta, usavam a água da fonte com sabão⁸.

Ainda como medida de prevenção, mesmo não sendo de concordância entre todos os médicos da antiguidade, as relações sexuais protegidas já eram defendidas. Chamadas de *camisa* (invólucro protetor criado no século XVII, representado atualmente pelo preservativo), era descrita como uma fina camada de pele complementar, impermeável e comumente feita de tripa⁸.

Perfil das pessoas em situação de prostituição

Garotos de programas, putas, michês, “ploc”, cortesãs, escortes, meretrizes, heitarias, gueixas, acompanhantes, gigolôs, cafetinas, atendentes de tele-sexo, atores pornô... são incontáveis as nomenclaturas dadas aos profissionais do sexo que se transfiguram conforme as relações sociais de uma determinada sociedade, podendo variar segundo o tempo e o espaço²¹.

Em meados dos anos 70, na Grã-Bretanha e nos EUA, as bandeiras de Butler retrocederam ao movimento feminista em combate com a criminalização da prostituição pelo Estado e contra a perseguição policial tolerada pelas mulheres. Calharam a decretar que fossem mencionadas como “trabalhadoras do sexo”, exigindo prestígio legal e social como trabalho. Mulheres abolicionistas sustentaram firmemente o posicionamento de que a prostituição autônoma e aprovada era um ato de violência contra as mulheres. Nos anos 80, essa articulação de ideologias e estratégias converteu-se em uma divergência política, em meio ao movimento feminista. Enquanto as pioneiras batalhavam ao lado das prostitutas estabelecendo um movimento de uma só voz, as abolicionistas resistiam em prol de que o Estado interferisse de forma mais rígida, com a finalidade de restringir a prostituição²³.

A aplicação da expressão trabalhador do sexo compreende todos aqueles (homens, mulheres e transgêneros) que fazem permuta em ocupações sexuais por determinado meio de ganho econômico (striptease e danças eróticas, prostituição de rua e interior, trabalho como operadores de linhas telefônicas eróticas, e outros)²³.

De acordo com um estudo feito por uma fundação francesa, que está sempre em busca de combater a exploração sexual, constata-se que chegam a 42 milhões o número de pessoas que se prostituem no mundo. Dessas pessoas, 75% corresponde a mulheres jovens de 13 a 25 anos, sendo 90% negociadas através de

cafetões ou cafetinas. Com base nessa realidade, muito se questiona sobre o que leva essas pessoas a escolherem este caminho, se por influência, necessidade, ou outros motivos¹⁸.

Hoje em dia, quanto a esse conteúdo, atribui-se que a prática da prostituição, na grande maioria das vezes, se dá por questões econômicas, fundamentados pela falta de emprego, miséria e insuficiência salarial. Com o passar dos anos, os períodos de conflito financeiro acabam gerando um aumento expressivo de pessoas em situação de prostituição e a falta de emprego fixo, dessa forma a quantidade crescente de trabalhadores em qualidades precárias faz com que alguns busquem sobrevivência através da atividade de prostituição¹⁹.

Também considera-se como fator determinante, no caso de mulheres em situação de prostituição, o nascimento de um filho, onde a necessidade de sustento é relacionada com o início da atividade. Em resumo, prostituir-se representa para essas mulheres a melhor escolha para sobrevivência em ocasiões em que elas precisam manter a responsabilidade privativa de cuidar e zelar, sozinhas, de seus filhos¹⁸.

É indispensável atentar-se para as questões que envolvem os diferentes tipos de gêneros que acabam optando pela prostituição. Estudos mostram que a inclusão da mulher no mercado de trabalho é mais árdua quando confrontada à categoria masculina. A situação fica ainda pior na realidade de mulheres transgêneros. Segundo uma pesquisa da Associação Nacional de Travestis (ANTRA), 90% das travestis e transexuais usam da prostituição para sobreviver no Brasil. Neste caso pode-se garantir que a prostituição é quase a única opção para sobreviver. Mesmo que elas tenham a capacitação necessária para o preenchimento de uma vaga no mercado de trabalho, o preconceito é manifesto no andamento da contratação²⁰.

É comum que as pessoas sejam diferentes umas das outras, porém, na vivência social esse fato nem sempre é considerado. As pessoas que não condizem com o ponto de vista imposto pelo imaginário social em relação aos princípios de gênero e ao que vem a ser o aspecto igualitário da figura masculina e feminina são marginalizadas²².

Tendo em vista a crença de que o corpo é uma propriedade natural e que determina a analogia de homens e mulheres enquanto pessoas de ambos os sexos, as transformações no corpo que são realizadas por travestis e transexuais provocam uma certa dificuldade na convivência em meio a sociedade. Por muitas vezes não serem aceitos na própria família, acabam levando essas pessoas a morar em outros lugares. O ingresso até os serviços de saúde, à circulação livre e às políticas públicas, em dessemelhantes regiões e instituições, também é bloqueado. Com poucas opções de moradia e meios de se manter, acabam indo viver nas ruas e buscam na noite, se prostituindo, uma forma de sobreviver, colocando suas próprias vidas em situação de risco. Para essas pessoas a prostituição se faz presente acaba acontecendo desde muito cedo, sendo enfrentada de maneira natural. Os fatores que as fazem optar por essa situação são intensos e transcorrem, de maneira geral, das perdas em meio a sociedade sucedidas pela expressão do gênero, protegendo as singularidades da história de vida de cada uma²².

Existem algumas características específicas na prostituição travesti que são diferentes da prostituição feminina, como por exemplo, as travestis são seres que contrariam o padrão unidimensional entre gênero, sexo, desejo e aqueles que buscam seus serviços, majoritariamente homens, costumam guardar mais segredo do que se sustentassem relações com prostitutas do sexo feminino. Isso pelo fato de que manter relações sexuais com alguém que, mesmo com aparência de mulher,

possui um pênis, pode denegrir a imagem de masculinidade do cliente. O fato do grupo proporcionar a característica específica de ser desarmonico do padrão hetero normalmente aceito, existe uma movimento de isenção e discriminação ao decorrer de suas vidas, desde a mais branda infância até a fase adulta. Esta feição é corriqueira em meio a essas pessoas e suas biografias de angústia acabam sendo os subsídios que constituem os laços de afeto entre elas²⁴.

Principais problemas enfrentados por pessoas em situação de prostituição

Mesmo sendo uma das profissões mais antigas do mundo, a prostituição manifestada em meio a sociedade ainda recebe olhares e conclusões variadas, seja de preconceito ou reconhecimento, de afirmação ou negação. Levando em consideração o fato de que vivemos em uma sociedade imersa nas doutrinas e na moral do cristianismo, onde ainda se espera que a mulher deve se manter preservada convencionalmente como matriarca de uma família, a mulher que usa seu corpo como instrumento de trabalho contraria as normas e os padrões pré-estabelecidos pela sociedade. E ao ir contra tais padrões, as pessoas que desempenham este tipo de atividade, onde o sexo é um produto de troca, sofrem com a estigmatização frequentemente⁴.

Esses indivíduos precisam lidar constantemente com o preconceito e por medo de serem vítimas do que não é aceito e da coibição originária do seio da sociedade muitos preferem esconder sua atividade profissional dos amigos, familiares e até mesmo dos seus parceiros, caso tenham. Contudo, existe também aqueles que admitem o seu papel na sociedade, estando em total concordância sobre os problemas que acabará enfrentando com a declaração de ser um/uma garoto/garota de programa - é de grande valia deixar claro que não só as mulheres trabalham no ramo da prostituição, existe também homens que exercem tal atividade⁴.

Feministas abolicionistas mantém a visão de que a prostituição é sempre ligada a violência, com isso defendem a necessidade de abolir o mercado do sexo, dentre outras instituições que amparam o patriarcado, como o casamento e a família, para que possa se dar a libertação feminina. Tais teóricas e militantes levam em consideração a prostituição como a pior maneira de opressão patriarcal e a coincidem à exploração sexual com o tráfico de pessoas. Coletivos feministas radicais confiam que a indústria global do sexo faz com que as mulheres se prostituam a força, mantendo-as em escravidão sexual e infringe seus direitos e integridade corporal. Sob tal ponto de vista ressalta-se que as mulheres são sempre forçadas à prostituição devido ao domínio que os homens possuem sobre seus corpos²⁵.

Visto como um problema enfrentado pelas mulheres, no posicionamento que faz da prostituição uma exploração, a mulher que se prostitui é vista como vítima determinada pelo capitalismo, pelo sistema patriarcal e pelas desigualdades de gênero. Embora não seja possível negar a existência de casos de exploração e diferentes violências na prostituição, defende-se em pesquisas, que generalizar todos os sujeitos que exercem atividades no mercado do sexo são vítimas, nega a capacidade de agência dos indivíduos e de controle sobre suas vidas. É de extrema importância diferenciar a exploração sexual (quando a venda do sexo ocorre sob coerção) da prostituição (quando uma mulher decide se prostituir). Tratar a prostituta sempre como uma vítima incapaz de tomar decisões por si mesma é subestimá-la²⁵.

Os conhecimentos adquiridos por pessoas que utilizam do corpo e do sexo como forma de trabalho atravessam as concepções que giram em torno do que é romântico, sagrado e confiável (pertinente a esposa, ao marido ou parceiro(a) fixo), e o que vem a ser profissional, 'mundano' e estranho (no caso, o cliente). Essas idealizações colocam em dúvida se as práticas sexuais são protegidas ou não, assim como a falta de cuidados com a saúde, contribuindo para que este seja um dos maiores problemas enfrentados por essa população, tendo em vista que serão alvos diários das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)⁹.

Além dos riscos eminentes desses profissionais adquirirem alguma IST, as mulheres são expostas também a gravidez indesejada e os abortos sucessivos, limitando-se no ponto de vista sexual e reprodutivo. Pode-se agregar também como problema vivenciado na prostituição o fácil acesso à drogas lícitas e ilícitas, com risco de que essas pessoas passem a ser dependentes químicos e possíveis alvos para as violências física, sexual e psicológica³.

Por volta de 7.000 pessoas no mundo, são infectadas todos os dias pelo vírus HIV, sendo a Aids equivalente à 5ª razão de morte em meio aos adultos, e uma das determinantes causais entre mulheres de 15 a 49 anos¹⁰. Na América Latina e Caribe, as mulheres profissionais do sexo, são afetadas diretamente pela epidemia concentrada, com mais chances de serem positivas para o HIV do que mulheres em geral¹¹. Muitas vezes acontece dos clientes se recusarem a usar preservativos e com isso acabam oferecendo dinheiro a mais para que não haja recusa.

A assistência de Enfermagem as pessoas em situação de prostituição

Como resultado da relação que existe entre atividade sexual e prostituição, essa passou a ser apresentada sócio-historicamente como uma ação notada pelos riscos que impõe, com base no desempenho dos hábitos sexuais. Esse desempenho coletivo foi construído mais de maneira simbólica do que real quando faz referência às IST em consequência de que essa população tenha sido formada como um grupo de risco com o aparecimento da Aids, o que dentro da imaginação coletiva, teve um princípio de discriminação, pois acabou associando a doença a essas populações, intensificando a carga de preconceito ligada ao conceito da violação sexual e/ou da liberalidade no exercício da sexualidade^{12,13}.

A maneira como o corpo e a sexualidade são representados na sociedade acabam prejudicando a realização das práticas de cuidados ofertados pelos profissionais da saúde¹³, tendo em vista que frequentemente esses/as partem da hipótese simples de que às pessoas em situação de prostituição estão em busca de ações centradas em pontos de vista sexuais e reprodutivos. Com o comércio das práticas sexuais, existe uma intenção em representar os corpos de profissionais do sexo como doentes, refletindo na assistência voltada para as medidas de higiene e curativa. Assim sendo, adquirir IST retrata um risco ocupacional, em razão de que o corpo e as técnicas sexuais são partes fundamentais para execução do trabalho, o que, na visão dos profissionais de saúde, faz com que o uso do preservativo é indispensável¹⁴.

Estudos mostram que os profissionais do sexo tem conhecimento sobre a importância dos métodos contraceptivos, e entendem que o uso deve ser constante, porém a ideia social de que não é necessário a utilização com parceiros fixos permanece, por confiar e supor fidelidade. Ademais, as condutas sexuais entre os clientes e os profissionais do sexo, muitas vezes, exageram na proporção da procura e oferecimento do prazer em busca pela legalidade de programas ou pela

imposição de poder desinente da falta de igualdade de gênero, tendo em vista que deixarem de utilizar o preservativo, pode acarretar um bloqueio na realização do programa¹⁵.

As organizações da sociedade civil não visam tirar os trabalhadores do sexo dessa vida, mas tentam de tudo para minimizar os riscos potenciais intrínsecos à prática dessa atividade, designadamente aqueles que se relacionam com as IST. A concepção de indefensabilidade aqui mencionada pega distância de um ponto de vista caritativo, assistencialista e busca adotar um caráter pragmático com base científica, sendo estabelecida em recomendações da Organização Mundial de Saúde e da UNAIDS (Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids), que avaliam os profissionais do sexo e seus clientes, os homens que fazem sexo com homens, os que utilizam drogas injetáveis e os seus parceiros, os jovens que não possuem emprego e a população presa, são as populações mais susceptíveis às IST²⁶.

A dificuldade ao serviços de saúde pode contribuir significativamente, e robustecer, a vulnerabilidade em relação às IST, a qual é mencionada em algumas pesquisas onde os autores observaram que a carência e o isolamento social dessa população facilitam o desenvolvimento de dificuldades interpessoais e de desconforto psicológico, possibilitador de comportamentos de risco face às IST, que a multiplicidade dos parceiros sexuais, assim como a pressão da parte dos clientes para as relações sexuais desprotegidas, aumenta o risco de contrair uma IST²⁷.

Os profissionais do sexo devem associar a prostituição com o risco de adquirir IST, entendendo que é necessário a busca do cuidado de si mesmo em atendimentos oferecidos de maneira gratuita em Unidades Básicas de Saúde (UBS)¹⁵. Estudos mostram que a procura pelos serviços de saúde no caso de mulheres em situação de prostituição, são mais frequentes do que os homens, e buscam a UBS devido o acontecimento de uma gravidez não planejadas, para a realização do exame preventivo do colo uterino, na procura por preservativos e demais exames de rotina, por entenderem que é importante cuidar do próprio corpo, já que o mesmo é instrumento de trabalho³.

O entendimento de que os serviços de saúde são procurados apenas quando ocorre a incidência de IST, diminui as expectativas de planos de cuidados pelos profissionais de saúde¹⁵. Esse tipo de situação acaba limitando a comunicação e a percepção no dia-a-dia, principalmente no cuidado integral a saúde, visto que essa população é alvo de fragilidade individual, social e programática em saúde além da dimensão sexual³.

De acordo com todos os aspectos e devido à complexidade que estão ligados a prática da prostituição, torna-se imprescindível entender as carências das pessoas inseridas nesse exercício para só depois enumerar ações e estratégias que compreendam direitos sociais, sexuais e trabalhistas, valorização, conscientização em saúde e desenvolvimento de vínculo entre profissionais de saúde e profissionais do sexo¹⁶.

Conforme o que foi exposto, ficou evidente que a saúde coletiva, na qualidade de meio de saberes e práticas, tem como objetivo implementar políticas de promoção da igualdade e estratégias que visem a diminuição de agravos que tornem possível a legitimação do direito à saúde e redução da maldade, desigualdade e disparidade que são associados a esses profissionais do sexo. Destaca-se ainda a necessidade de adaptar os horários e própria estrutura onde os serviços de saúde são realizados, buscando sempre capacitar e ampliar autonomia para que os profissionais de saúde prestem assistência de maneira integral e contínua, tendo

como princípio o respeito à liberdade de escolha e a não discriminação¹⁷ e, fundamentalmente, regularizar ponto específico que seja utilizado como porta de entrada da rede de atenção à saúde na qualidade de ambiente apropriado para obtenção de respostas resolutivas, atendendo qualquer necessidade básica de saúde desses profissionais do sexo por meio de inclusão em ações intersetoriais³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que as pessoas em situação de prostituição estão cada vez mais expostas a riscos eminentes para a saúde, esses riscos se dão pelo fato de que a procura pelos serviços de saúde só acontecem em último momento, apenas para o tratamento de determinada enfermidade e não para a prevenção da mesma.

Ficou evidente que essas pessoas passam por várias situações que levam a diversos tipos de sofrimento. Ambientes que necessitariam se configurar como importantes suportes na vida, como a família e os serviços de saúde, acabam se tornando ambientes de exclusão a partir dos primeiros aparecimentos de diferença.

A realidade mencionada neste artigo coloca desafios para os profissionais de Enfermagem, que lidam com o enfrentamento de diversos problemas de saúde e da exclusão e vulnerabilidade, no sentido de pensar em estratégias para prevenir ou reverter tal situação. No tanto, é necessário estar precavido aos processos de saúde pública, que viabilizem suporte para a promoção de saúde desses profissionais do sexo.

Estamos longe de conseguir descrever a dimensão que é a violência sofrida por esses profissionais diariamente. A violência acontece no meio familiar, no convívio igualitário e nas ruas, podendo ser do tipo física, verbal ou social por meio de humilhação pública. São pessoas humanas, que optam pela profissão para sobreviver e tem sua opção sexual criticada moralmente.

Com esse estudo, chegamos à conclusão de que se faz necessária a idealização de um programa educativo junto a essas pessoas que trabalham com sexo, onde o principal foco deverá ser o uso do preservativo, a importância do diagnóstico precoce e a saúde sexual de maneira geral. Esperamos com isso que resultados importantes sejam alcançados, sempre deixando evidente a importância desse processo de educação em saúde, proporcionando ambiente confortável e profissionais de saúde qualificados e capacitados, onde essa população desfrute das ações de maneira que possam discutir claramente sobre o assunto em questão.

REFERÊNCIAS

1. Cruz NL, Ferreira CL, Martins E, Souza M. *Disciplinarum Scientia. Série: Ciências da Saúde*, Santa Maria, v. 17, n. 3, p. 339-352, 2016.
2. Penha JC, Aquino CBQ, Neri EAR, Reis TGO, Aquino PS, Pinheiro AKB. Fatores de risco para doenças sexualmente transmissíveis em profissionais do sexo do interior piauiense. *Rev gaucha enferm.* 2015 jun;36(2):63-9.
3. Belém JM, Juscinaide M, Alves H, Pereira EV, Maia ER, Quirino GS, Albuquerque GA. Prostituição e saúde: representações sociais de enfermeiros/as da estratégia saúde da família. *Rev baiana enferm* (2018); 32:e25086.

4. Araújo LB, Bandeira MCL, Silva TLCV. Prostituição de luxo: gênero, trabalho e sociabilidade na cidade de Belém. Revista Pegada – vol. 16, n. 2. Dezembro/2015.
5. Oliveira TZ, Guimarães LV, Ferreira DP. Mulher, Prostituta e Prostituição: da História ao Jardim do Éden. Teoria e Prática em Administração, v. 7, n. 1, jan/jun 2017- ISSN: 2238-104X.
6. Engels F. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Clube de Autores. (2009)
7. Prado Júnior VI. Os territórios da prostituição masculina em Goiânia. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento e Planejamento Territorial, Goiânia, 2018.
8. Silva CRV. VIDAS EM PROMOÇÃO: A influência da crise económica na prevenção da saúde na prostituição. Dissertação - Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Braga, 2015.
9. Sousa RMRB, et Al. Prostituição e vulnerabilidades. Cad. Saúde Colet., 2017, Rio de Janeiro, 25 (4): 423-428.
10. United Nations Programme on HIV/AIDS. Global Report: Unaid Report on the Global AIDS Epidemic 2013 [Internet]. Genebra: UNAIDS; 2013. 148 p.
11. Boni R, Veloso VGE, Grinsztejn B. Epidemiology of HIV in Latin America and the Caribbean. Curr Opin HIV AIDS. 2014;9(2):192-8.
12. Araújo OD, Nery IS, Monteiro CFS, Mour MEB. Representações sociais de mulheres profissionais do sexo. Ciênc cuid saúde. 2014;13(4):714-21.
13. Silva RAR, Duarte FHS, Nelson ARC, Holanda JRR. A epidemia da Aids no Brasil: análise do perfil atual. Rev Enferm UFPE on line. 2013 out.
14. Leite GS, Murray L, Lenz F. The peer and non-peer: the potential of risk management for HIV prevention in contexts of prostitution. Rev bras epidemiol. 2015;18(1):7-25.
15. Villela WV, Monteiro S. Gênero, estigma e saúde: reflexões a partir da prostituição, do aborto e do HIV/aids entre mulheres. Epidemiol Serv Saúde. 2014 jun/set;24(3):531-40.
16. Overs C, Loff B. Toward a legal framework that promotes and protects sex workers' health and human rights. 2013 Jun 14.

17. Coutinho J, Oliveira AI. Redução de riscos no trabalho sexual em Portugal: representações dos técnicos interventores. *Psic Saúde Doenças*. 2014 jun;15(2):538-53.
18. Machado JP. Proposta de Regulamentação da Prostituição no Brasil: Desmarginalização de uma profissão ou institucionalização da cafetinagem? – Florianópolis (SC). Monografia [Graduação em Direito do Centro de Ciências Jurídicas]. Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.
19. Afonso ML. Regular para quê(m)? As representações sociais de prostitutas sobre a regulamentação da “profissão. 161 f. Dissertação de mestrado em Psicologia- UFSCar. São Carlos/SP, 2014, p. 102.
20. LAPA, Nádia. O preconceito contra transexuais no mercado de trabalho, 2013. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-pra-que/o-preconceito-contratransexuais-no-mercado-de-trabalho-2970.html>
21. Lucena JP. Ensaio sobre a prostituição: uma leitura do serviço social referente à história desta atividade econômica e a sua legalização. *Serviço Social & Realidade*, Franca, v. 24, n. 1, 2015.
22. Silva RGLB, et al. Os impactos das identidades transgênero. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo*. 2015 set.-dez.;26(3):364-72.
23. Silva GN. As muitas faces da prostituição: Uma abordagem histórica sobre o controle da sexualidade a partir de Foucault. *Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar*, Matinhos, v. 11, n. 1, p. 15-25, jan./jun. 2018 ISSN 1983-8921.
24. ORNAT, M. J.; SILVA, J. M. Território descontínuo paradoxal, movimento LGBT, prostituição e cafetinagem no sul do Brasil. *GEOUSP – Espaço e Tempo (Online)*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 113-128 2014.
25. Alles NL. Prostituição em espaços comunicacionais brasileiros: os enquadramentos do trabalho e da exploração. *Verso e Reverso*, vol. 31, n. 78, setembro-dezembro 2017.
26. Bento B. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. *Bagoas Rev Estudos Gays*. 2009;3:95-112.
27. Miskolci R. Não ao sexo rei: da estética da existência foucaultiana à política queer. In: Souza LAF, Sabatine TT, Magalhães BR, organizadores. *Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito*. Marília: Cultura Acadêmica Editora; 2011. v.1, p.47-68.
28. Jesus JG. Transfobia e crimes de ódio: assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. In: Maranhão F o EMA, organizador. *(In)Visibilidade Trans 2. História Agora*. 2013;16(2):101-23.

29. LIMA, R. S. S.; TEIXEIRA, I. S. Ser mãe: o amor materno no discurso católico do século XIX. HORIZONTE- Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 6, n. 12, p. 113-126, 2008.
30. Maia M, Rodrigues C. As organizações da sociedade civil na prevenção das infecções sexualmente transmissíveis em trabalhadoras do sexo, em Portugal. Saúde Soc. São Paulo, v.23, n.1, p.77-90, 2014.
31. Dias S. et al. Estudo PREVIH: infecção VIH nos grupos de homens que têm sexo com homens e trabalhadores sexuais: prevalência, determinantes e intervenções de prevenção e acesso aos serviços de saúde. Lisboa: Gat, Instituto de Higiene e Medicina Tropical, 2013.